Tudo o que eu tinha escrito era sobre a Shimamura, então eu chamei de Caderno da Shimamura — curto e direto. Agora eu estava me preparando para adicionar uma nova entrada, e enquanto meu cérebro trabalhava na velocidade da luz, eu podia sentir o nascimento de um novo sol acontecendo atrás dos meus olhos.

O que as pessoas faziam nos festivais de verão? Eu tinha uma experiência muito limitada como participante. Francamente, eu tinha “muito pouca experiência” na maioria das coisas; isso era algo que eu tinha percebido dolorosamente desde que conheci a Shimamura. E embora eu estivesse tentando aprender os truques, nunca conseguia acompanhar o ritmo a tempo. Em vez disso, eu tropeçava em cada crise como a idiota que era.

Voltando ao assunto: festivais. Qual era a melhor maneira de aproveitar ao máximo? Comprar comida em uma barraca eobservar os fogos de artifício? Dar as mãos e conversar? O que mais? Eu não conseguia pensar em nada.

Mas depois de alguns dias pensando nisso durante meu tempo livre, percebi que estava criando expectativas altas *demais*. Era só um festival; tudo o que faríamos seria caminhar por ele juntas. Claro, ainda seria muito divertido, mas eu precisava garantir que não estava me preparando para uma grande decepção depois. Contanto que sorríssemos, comêssemos comida e assistíssemos aos belos fogos de artifício, isso já era suficiente.

Com essa conclusão alcançada, fechei o caderno. Se eu me permitisse pensar demais nisso, só ia acabar estragando tudo. Em vez disso, talvez fosse bom deixar as coisas fluírem sem me preocupar tanto. Meus fracassos passados surgiram na minha mente um após o outro… e enquanto eu segurava a cabeça e me contorcia, podia sentir as mangas do meu yukata roçando contra minha pele.

Depois de muitas, muitas tentativas para fazer minha roupa cooperar, eu agora estava vestida e pronta para ir, mas ainda havia bastante tempo antes do horário marcado para nos encontrarmos.

Pela minha janela, eu podia ver o sol murchando lentamente como uma flor, arrastando o céu azul junto com ele, seus últimos raios brilhando no meu quarto. Houve um tempo em que o fim de cada dia parecia um alívio misericordioso para mim, mas isso era no passado, antes de eu conhecer a Shimamura. Agora que eu era uma pessoa diferente, o pôr do sol me causava um arrepio na espinha.

Meu olhar saltava inquieto da janela para o relógio e depois de volta para a janela. Não demorou muito para que eu decidisse abandonar a tortura de ficar esperando no meu quarto e, em vez disso, ir direto para o ponto de encontro. História da minha vida.

Antes de sair, parei em frente ao espelho e me examinei uma última vez. Tive que assistir a vídeos de instrução na internet para descobrir como amarrar minha faixa, então esperava que estivesse decente. Virei de um lado para o outro, analisando sua posição na minha cintura.

E o meu cabelo? Peguei um punhado, pensando. Não tinha arrumado ele, e agora que estava me preparando para sair, comecei a me questionar. Mas todas as tentativas de um estilo diferente pareciam horríveis, então eu continuava desfazendo, e já podia prever que ficaria ali para sempre se não me controlasse. *Melhor jogar pelo seguro*, concluí.

Mas ao sair para o corredor, vi uma sombra… e não era a minha.

“Oh, meu Deus.”

Sem querer, cruzei com a minha mãe, que finalmente tinha voltado de sabe-se lá onde. Ela parecia surpresa ao me ver de yukata. Nós duas ficamos tensas, nossos movimentos rígidos e reativos, como se estivéssemos ligadas por fios invisíveis.

“Vai sair?”

Eu assenti olhando para o chão, minha cabeça balançando sem vida. “É.”

Meu estômago revirou. Eu não queria nada além de fugir. *Por favor, vá logo embora.* Nenhum desses sentimentos era algo que eu deveria ter em relação à minha família… Às vezes, eu me perguntava por que ela me deu à luz, afinal. Com o rosto abaixado, comecei a passar por ela.

“Vai parecer brega com o cabelo solto. Quer que eu trance?”

A princípio, pensei que tinha ouvido errado. Era algo tão improvável. Enquanto isso, ela me olhava de volta, tão desconfortável quanto eu. Então, finalmente, a sugestão dela fez sentido, e eu me lembrei que aquela mulher era, tecnicamente, minha mãe. Meus dedos se fecharam em um punho pequeno e apertado.

“Tá bom.”

Ela começou a andar, e eu a segui, ambas em silêncio. Eu estava intensamente nervosa, mas não do mesmo jeito que ficava perto da Shimamura. Não havia uma corrente elétrica percorrendo meu corpo — apenas uma tensão que me apertava.

Enquanto eu me sentava em frente ao espelho, senti um peso pressionando meus ombros. Da mesma forma, minha mãe semicerrava os olhos timidamente enquanto passava o pente pelo meu cabelo. Quase fiz contato visual com o reflexo dela, mas desviei o olhar rapidamente bem a tempo. Era tão perturbador que eu mal conseguia respirar. Será que era assim que a “família” parecia para todo mundo? Eu quase nunca falava com ela, então não conseguia pensar em nada para dizer.

“Vai com amigos?” ela perguntou de repente enquanto pegava um elástico de cabelo.

“Si…” murmurei, quase inaudível. Então limpei a garganta e tentei de novo, mais firme: “Sim.”

No espelho, nossos olhos se encontraram pela primeira vez em sabe-se lá quanto tempo. “Que legal,” ela respondeu distraidamente, desviando o olhar, sua linguagem corporal espelhando a minha. Depois disso, ela trabalhou no meu cabelo em silêncio até que, finalmente, terminou. “Pronto. Tá bom assim?”

Toquei minha nova trança lateral e assenti. “Sim.” Não é como se eu pudesse dizer algo diferente. Ainda sentia a tensão no ar enquanto me levantava e ia até a porta. Então calcei as sandálias *geta* que tinha comprado especialmente para essa ocasião e segurei a maçaneta desajeitadamente.

“Volte em segurança,” a voz dela ecoou atrás de mim, me dando um leve empurrão para fora da porta. Mas quando olhei por cima do ombro, minha mãe já tinha desaparecido no quarto dela.

Fiquei tão surpresa que quase tropecei nos meus próprios pés. Ao me endireitar, senti uma resposta na minha garganta… mas, em vez disso, tudo o que consegui foi um aceno fraco pelo corredor vazio.

Não esperava que isso fosse o começo de algo novo. Sabia que era tarde demais para isso. Mas talvez… só talvez… eu pudesse gostar um pouquinho disso. Talvez agora eu conseguisse erguer a cabeça.

Por hábito, peguei a chave da minha bicicleta antes de sair, mas, pensando bem, não precisaria dela essa noite. Em algum momento, eu tinha perdido o pingente que costumava pendurar no meu chaveiro, mas só percebi agora — provavelmente porque estava sempre tão focada na Shimamura. Mas mesmo que minhas escolhas me custassem algo pelo caminho, eu nunca me arrependeria de escolhê-la. Neste momento, eu acreditava firmemente que estava progredindo.

Enquanto caminhava pela rua, meu passo ficava cada vez mais leve. E daí se eu estava quase pulando? Era a noite do festival, e meu ânimo estava nas alturas.

***

“Shikanoko Nokonoko Koshitantan! Shikanoko Nokonoko Koshitantan!”

Você realmente precisa fazer esses barulhos enquanto faz isso?

Agora que o sol estava se pondo, as cigarras tinham se aquietado. Era para ser o momento mais tranquilo do dia. E, no entanto, lá estávamos nós em frente à penteadeira, minha mãe fazendo sons estranhos enquanto arrumava meu cabelo. *Eu me arrependo de ter concordado com isso.*

“Faz tempo que não mexo na cabeça, hein?”

“Acho que você quis dizer ‘cabelo’, mãe. Deixa minha cabeça em paz.” *A menos que você vá magicamente me deixar mais inteligente. Mas, conhecendo você, provavelmente vai mexer lá dentro como se fosse um conjunto de Lego.*

“A última vez que fiz isso pra você foi na cerimônia de formatura do ensino fundamental,” ela refletiu, parando para colocar as mãos na minha cabeça. “E agora você tá ficando mais alta.”

“Será?”

“Oh, minha bebê ficou tão enorme…”

Alta, mãe. A palavra é “alta”. Adeus ao nosso momento emocionante em família.

“Tá bem, e se a gente girar seu cabelo num espiral em cima? Aqui vai o movimento—”

“Para de brincar!”

“Tsc… Táááá bom, vou fazer algo *normal*,” ela resmungou como uma criança emburrada.

Da próxima vez, eu mesma vou arrumar meu cabelo... se é que vai ter uma próxima vez.

O resultado final: um coque perfeitamente comum. Eu me examinei no espelho e decidi que estava bem satisfeita. “É, tá bom assim.”

“*Tá bom assim*? Sei. Passa aqui.”

Ela estendeu a mão, palma para cima. Eu olhei para ela, confusa.

“Obrigada por visitar o Salão Shimamura. São 3.000 ienes.”

“Ha ha ha ha!”

“Ha ha ha ha ha!”

“Hah hah hah!”

“Gah ha ha ha!”

Mas ela se recusou a recolher a mão. Balancei a cabeça, incrédula. E, no final, eu cedi. “Só, uh, coloca na minha conta.”

“Feito.”

E então ela literalmente anotou isso. *Nossa, você tá mesmo comprometida com essa piada, hein? ...É só uma piada, né, mãe?* Decidi fingir que não percebi.

Depois, quis dar uma última checada no meu yukata. Não era um que a Yashiro ou minha irmã tinham pegado emprestado — era branco com estampas de girassol e uma faixa laranja-sangue.

“Você tem um monte desses, hein?”

“Peguei da mãe. A propósito, é verdade que vocês duas viraram amigas de correspondência agora?” ela perguntou enquanto limpava os fios soltos do pente.

“Ah, sim. Ela me manda fotos e vídeos do Gon,” respondi, brincando com a minha franja.

“Ah, o cachorro. Certo,” ela murmurou distraidamente. Então, o tom dela mudou de repente. “Se a saúde dele começar a piorar, você deveria ir até lá cuidar dele.”

Virei e olhei para ela por cima do ombro.

“Eu te levo de carro com prazer,” ela continuou casualmente, pente na mão.

“……”

“Ei! Eu *sei* que você tá pensando coisas rudes sobre mim! Olha, prometo que não vou ficar brava, então fala logo na lata.”

“…Fiquei surpresa de te ouvir soando como uma mãe de verdade pra variar.”

“Gaaaaaah!” Ela começou a fazer barulhos estranhos de novo, mas, pelo menos, não parecia estar brava. *Meu Deus, que mulher esquisita.*

Chequei meu cabelo uma última vez e saí do quarto, onde logo dei de cara com a minha irmãzinha andando rápido pelo corredor.

“Ooh, você tá usando um yukata!”

Ela correu até mim. Silenciosamente, comecei a temer o que ia acontecer em seguida. Não que eu pudesse evitar minha própria irmã na minha própria casa, mas, no ideal, eu esperava sair enquanto ela estava distraída.

“Você vai pra outro festival?”

“Uma amiga me convidou, então, sim.”

“Hmmm…”

Ela *não* parecia nada satisfeita com isso. Eu meio que esperava que ela começasse a exigir que eu a levasse junto. Mas a Adachi não era a Tarumi; ela simplesmente não conseguia tolerar uma terceira (ou quarta) pessoa. Não que minha irmã parecesse gostar muito da Adachi de qualquer forma. *E festivais são pra se divertir, não pra brigar.*

Enquanto eu sorria de forma tensa, procurando uma saída…

“Tá bem, então que tal você e eu irmos juntas?” minha mãe ofereceu a ela, surgindo do quarto como um bote salva-vidas bem na hora certa. Em algum lugar naquela consideração, eu vislumbrei um pouco da vovó.

“Sério? Você vai me levar?”

“Tô agindo como uma mãe de verdade hoje!”

Então você admite que é uma mãe ruim o resto do tempo?

Rindo, revirei os olhos, mas não estava nem um pouco irritada. Da mesma forma, minha irmã sorriu para ela, encantada com o raro presente. Foi realmente um momento bem legal, e embora eu não ache que consiga explicar isso de forma eloquente, uma parte de mim desejava que durasse para sempre.

“Que emocionante,” disse um tufo de cabelo azul que brotou de trás da minha irmã. Como sempre, Yashiro era um completo enigma.

***

Um yukata com estampas de flores rosa claro e uma faixa roxa suave. Comparada a todas as outras pessoas que passavam por mim na rua, eu sentia que ainda parecia brega… ou será que era só paranoia minha? Eu tinha saído correndo para comprar esse yukata logo depois da ligação com a Shimamura, e na hora não prestei muita atenção no padrão, mas agora estava cheia de dúvidas.

Talvez eu devesse ter perguntado se ela tinha alguma preferência. Espera, mas isso não me tornaria uma boneca de vestir dela?

Imaginei Shimamura me despindo. Me abrindo como um peixe. *Pera, o quê?*

“Meu Deus, eu sou tão idiota…!” Enterrei o rosto nas mãos, envergonhada. Se eu não estivesse em público, provavelmente estaria me contorcendo agora.

Nosso ponto de encontro ficava logo fora do hotel, no caminho para o local dos fogos de artifício. Pelo visto, o lugar estava lotado de turistas, porque grupos de pessoas em yukatas continuavam saindo do prédio e seguindo para o rio. Toda a margem do rio estava agora coberta de visitantes esperando pelos fogos… ou pelo menos era o que as pessoas estavam dizendo online quando eu chequei. Mas eu não me importava com os fogos. A coisa mais bonita que eu veria essa noite estaria bem ao meu lado.

Será que ela já chegou? Será? Será? Olhei de volta pela rua de onde vim, procurando qualquer sinal dela.

À medida que o pôr do sol se dissipava, a cidade mergulhava na escuridão da noite. A estrada agora era um rio de sombras, os pedestres flutuando como lanternas do Festival Bon. Mas não importava o quanto as calçadas ficassem

lotadas, eu tinha certeza de que conseguiria avistar a Shimamura a quilômetros de distância.

Esse festival não era tão grande quanto aquele em que ajudei a cuidar da barraca de comida, mas, mesmo assim, eu podia sentir a excitação no ar. As pessoas dessa cidade levavam esses eventos muito a sério — talvez porque simplesmente não havia muita coisa acontecendo. Será que estavam ansiosas para ver os fogos de artifício? Ou será que estavam mais interessadas em suas companhias? No meu caso, provavelmente nem precisava dizer.

Então, enquanto eu espantava os mosquitos, minha mão parou no ar.

“Oh…!”

Nem uma supermodelo poderia estar mais bonita do que ela estava. Em um instante, ela me cativou, e todo o resto se dissolveu no fundo. Nem nos meus sonhos mais loucos eu esperava que a Shimamura usasse um yukata, e o impacto fez fogos de artifício explodirem na minha cabeça.

Ela acenou para mim; eu acenei de volta e então corri até ela. Sentia minhas bochechas queimando enquanto corria, mas, felizmente, estava tão escuro lá fora que ela não conseguiria ver meu rubor. Tomara.

Quando parei na frente dela, ela me cumprimentou com um sorriso. O cabelo dela estava preso em um coque, e o yukata tinha um padrão floral como o meu, só que com um tipo diferente de flor. Ela parecia tão completamente diferente, e ainda assim era inconfundivelmente ela… Meu cérebro estava a mil por hora, e senti meu rosto inteiro se iluminar.

“Você… você tá tão linda!” deixei escapar, sem nenhum cumprimento formal, antes que ela tivesse a chance de dizer uma palavra sequer.

“Sério?”

Assenti com entusiasmo. “Muito linda!” Por que eu ficava repetindo? Por que eu estava tão feliz? Era um mistério.

“Obrigada pelo elogio,” ela murmurou, sorrindo, o olhar dela dançando de um lado para o outro. Então ela olhou para cima e bateu as mãos como se tivesse se lembrado de algo. “Você também tá linda!” ela continuou, um pouco atrasada, o sorriso se aprofundando.

No instante em que ouvi isso, senti como se minhas orelhas fossem derreter. Claro, houve uma pausa perceptível, mas o que veio depois desencadeou ainda *mais* fogos de artifício na minha cabeça. Nesse ritmo, eu nem precisaria dos fogos de verdade.

Então, a Shimamura estendeu a mão para mim, e meu coração deu um salto. Enquanto eu observava, os dedos dela chegaram à minha trança. Ela segurou a ponta entre o polegar e o indicador e a levantou, balançando o fim como se fosse uma vassourinha. “Trança fofa. Você que fez?”

Pelo visto, meu novo penteado realmente se destacava, já que eu normalmente nunca fazia nada com o cabelo. “Minha… minha mãe fez,” respondi, meio rígida.

Naturalmente, os olhos da Shimamura se arregalaram. “Nossa.”

“É.”

“Nossa…” Agora ela estava *exagerando* um pouco na surpresa. Pelo que eu sabia, ela nem tinha *conhecido* minha mãe.

“E você?” perguntei, apontando para o coque dela. Isso a fazia parecer muito… madura? Elegante? Mas, ao mesmo tempo, ainda era fofo.

“Ah, isso? Sim, minha mãe fez o meu pra mim também.” Ela olhou nos meus olhos, e nós duas sorrimos timidamente. “Então, vamos indo?”

“Claro.”

A sugestão dela, nós duas começamos a caminhar lado a lado, formando mais uma lanterna oscilante no rio de pessoas.

Dei uma espiada no rosto calmo e composto dela de perfil e senti meus dedos se abrirem por reflexo. *Não agarre, não aperte. Só seja gentil*. Me concentrei bastante enquanto estendia a mão — tanto, na verdade, que minha mão começou a tremer. Como resultado, calculei mal a força que precisava e acabei apertando a mão dela com muita força.

Argh, de novo não! A sensação de fracasso fez minha visão escurecer. Mas, além de um sorriso irônico, a Shimamura não parecia muito incomodada. “Você não é muito boa nisso, né?”

“Desculpa.” Mas, embora eu tenha me desculpado, não ia soltar de jeito nenhum. *Espera, o quê?* Eu podia sentir um leve calor nas palmas das mãos dela que normalmente não estava ali. “Shimamura, você tava de mãos dadas com outra pessoa agora há pouco?”

Ela me olhou de forma penetrante. “Conseguiu *perceber*? Isso é bem impressionante, na verdade. Retiro o que disse,” ela murmurou, genuinamente surpresa.

“Uh… bem…” Recuei desesperadamente. Será que foi estranho eu ter notado?

“Eu tava andando com minha irmãzinha até agora há pouco.”

“Ah, entendi…”

Fiquei aliviada ao saber que não era alguma garota da nossa idade. Pelo visto, a irmãzinha dela também estava por aí em algum lugar… Será que eu podia interpretar a ausência dela como um sinal de que a Shimamura tinha escolhido me priorizar? Lutei para conter minha alegria. Se eu tinha ganhado de um membro da família, então… bem… isso era um grande feito! Eu não tinha palavras para descrever.

Enquanto eu flutuava nas nuvens, Shimamura virou o corpo todo para mim e pegou minha mão livre com a dela.

“O-o quê?”

“E essa aqui? Tá mais fria?”

“Sim.” O único calor que eu sentia era o da própria Shimamura.

“Nossa… Cara, eu realmente me pergunto se ela é humana mesmo,” ela refletiu, inclinando a cabeça com um sorriso. De quem ela estava falando? “Enfim, vejo que você chegou cedo de novo, Srta. Pontual!”

Mas ainda conta como pontual se eu chego cedo?

“Mas isso nos apresenta um problema,” ela continuou.

“É mesmo?”

Ela sorriu. “Ora, parece que ainda temos tempo antes que os fogos de artifício comecem, minha querida.”

“Ah, *isso*. Não é grande coisa.” Porque significava que eu podia passar mais tempo com ela.

No lugar de uma resposta adequada, entrelaçei meus dedos nos dela, e um instante depois, senti o braço dela relaxar. Então caminhamos até nos aproximarmos da ponte.

Aqui, barracas de comida tinham surgido ao longo da estrada, que estava congestionada de multidões. Eu realmente não tinha percebido o quanto esses festivais eram lotados até estar *deste* lado do caixa. Como um toque de blush nas bochechas de uma dama, as lanternas de papel adicionavam um leve toque de cor à noite.

“O seu restaurante chinês tá com uma barraca hoje?”

“Sim. Ah, mas eu não tenho que trabalhar hoje, então não se preocupe,” expliquei, acenando com a mão de forma desdenhosa.

“Isso é um alívio,” ela assentiu, rindo por algum motivo.

Bem, para onde agora?

Enquanto eu pensava no nosso próximo destino, ouvi uma voz familiar ao longe gritar: “Essa melancia tem gosto de *destino*!” Por que eu reconhecia essa voz...? Olhei ao redor até avistar pequenas partículas de luz azul subindo ao céu no meio da multidão.

“Uh… v-vamos por aqui,” declarei, apontando na direção oposta.

“Tá bom,” Shimamura assentiu sem discutir. E assim seguimos.

Então, enquanto caminhávamos pelas barracas de comida, *outra* voz familiar chamou: “Ei, vem cá! Que tal um takoyaki? Ei, ei, ei!”

Sem querer, isso chamou nossa atenção. Fiquei surpresa — e, por algum motivo, Shimamura também.

Era a vidente de tempos atrás, acenando para nós de trás de uma barraca de comida. Apesar da luz fraca das lanternas, eu podia ver suas bochechas vermelhas brilhando claro como o dia. Mas Shimamura parecia reconhecê-la também — como elas se conheciam? Eu não conseguia imaginar a *Shimamura*, logo ela, consultando uma vidente por conselhos. Ah, mas pensando bem, ela disse que assistia aquele programa de horóscopo na TV, então talvez ela fosse

mais interessada em coisas de astrologia do que eu imaginava. Talvez isso fosse algo que tínhamos em comum.

"Sua namorada cortou o cabelo?" a mulher perguntou com uma voz cantada, embora sua expressão permanecesse impassível.

Namorada? Namorada?! Da mesma forma, Shimamura encarou de volta com os olhos arregalados.

"O quê, vocês jovens não escutam Kamon Tatsuo hoje em dia? Hana kara Gyunyu! Pesquisem!" Ela acenou a mão como se quisesse descartar o assunto completamente. "Enfim… hmm. Acho que estou entendendo o que está acontecendo aqui."

Ela olhou de mim para a Shimamura e de volta para mim, seus olhos brilhando com travessura. *O que você quer dizer com "o que está acontecendo aqui"?* Por um instante, fiquei confusa, mas então me dei conta: eu tinha me aberto com essa vidente. Ela sabia dos meus segredos. Comecei a entrar em pânico tão forte que cheguei a soltar a mão da Shimamura.

"Você conhece ela, Adachi?"

"Não — e você?" perguntei, tentando parecer tranquila, mas percebi muito tarde que estava falando rápido *demais*. Meu pescoço parecia estar pegando fogo.

"Ela me incomodou da última vez que estive aqui."

"Ela te incomodou?" repeti, olhando de volta para a vidente. Eu estava apavorada que ela estivesse prestes a abrir a boca e contar tudo para Shimamura.

A mulher olhou de volta para mim e riu alto. "Relaxa, querida! Eu acredito em confidencialidade com os clientes!"

Por um momento, fiquei aliviada, mas depois franzi a testa. *Se você realmente acreditasse nisso, não teria dito aquilo!*

Como era de se esperar, Shimamura se animou. "Confidencialidade com clientes? Sobre o quê?"

Argh! Adeus "confidencialidade"! "Uhhh… Nossa, algo cheira muito bem por aqui!" eu disse em um tom alto e forçado, tentando mudar de assunto enquanto sabia muito bem que não soaria natural. Rigidamente, caminhei até a barraca da vidente. *Por que uma vidente venderia comida, afinal?*

Shimamura veio ao meu lado e olhou para as mercadorias da mulher, parecendo perplexa. "A placa diz *takoyaki*, mas..."

Nem preciso dizer que a hesitação estranha ali era totalmente justificável, pois a vidente estava, aparentemente, grelhando bolinhos *taiyaki* em forma de peixe em vez disso. Mas enquanto os bolinhos *taiyaki* geralmente são rechonchudos, esses eram *anormalmente* volumosos, como se o recheio ameaçasse transbordar a qualquer momento.

"Isso com certeza não parece *takoyaki...*"

"Garanto a vocês, dessa vez estão recheados com polvo."

"O quê?"

A mulher pegou um *taiyaki* fresco, mordeu a cabeça em forma de peixe e nos mostrou o recheio. De fato, havia tanta carne de polvo dentro que estava praticamente saltando para fora. Isso explicava por que o exterior parecia tão irregular... A visão foi suficiente para me dar indigestão só de pensar nisso.

"Depois que economizei no recheio do Takoyaki da Fortuna, acabei com muito polvo sobrando," ela deu de ombros.

Instintivamente, Shimamura e eu trocamos um olhar.

"Admirem essa inovação criativa! Imaginem todas as crianças desapontadas!" a vidente continuou, como se fosse um discurso de vendas. Diante disso, Shimamura pegou minha mão sem dizer mais nada.

"Nossa!"

"De agora em diante, tente não fazer contato visual com esquisitos, tá bom?" ela me repreendeu enquanto me puxava para longe.

"Awww!" Eu podia ouvir a mulher lamentando atrás de nós.

Shimamura começou a andar mais rápido — mas ainda não tão rápido quanto meu coração batia. Graças à vidente, eu estava de mãos dadas com a Shimamura de novo... Quer dizer, sim, já estávamos de mãos dadas antes, mas mesmo assim! Desta vez, foi ela quem tomou a iniciativa, e isso era importante.

"Pensando bem, aquela mulher me disse que é especialista em quiromancia," Shimamura refletiu baixinho para si mesma. "Você pediu pra ela ler sua mão ou algo assim?"

Ela me lançou um olhar de lado. Eu não queria mentir para ela, então cedi. "Sim, uma vez, há muito tempo. Mas só uma vez," insisti, levantando um dedo indicador.

"Você realmente precisa enfatizar isso?" ela perguntou, piscando. *Talvez não*. "Então, qual foi seu horóscopo? O que ela disse?"

"Uhhh…" Eu pensei de volta na última vez que vi aquela mulher e em todos os gritos que ela me fez dar. "Não foi sobre o que *ela* disse, mas o que ela *me* fez dizer, eu acho?"

"Hã?"

"Que tal um *takoyaki* normal?! Você compraria?!"

"AAAGH!"

A vidente tinha nos alcançado, carregando um recipiente plástico para viagem e andando tão rápido que corria o risco de passar direto por nós. Por que ela era tão insistente?!

"Olha, dessa vez eles estão redondos! *Takoyaki* normal, redondinho! Então, que tal?"

"Tá bem, tá bem! Eu vou comprar!" Shimamura suspirou relutantemente, e eu podia ouvir a implicação silenciosa: *É melhor você nos deixar em paz!*

"Obrigada, volte sempre!" a mulher gritou automaticamente enquanto corria de volta para sua barraca de comida. Mas eu podia sentir ela me observando, e quando olhei, ela ergueu o punho no ar em um gesto de apoio.

Cuide da sua vida! pensei enquanto acenava para ela de forma desdenhosa. Mas, ao mesmo tempo, a ideia de que ela conseguia me enxergar tão bem fez um suor frio escorrer pela minha espinha. Será que era realmente tão óbvio? Olhei para nossas mãos unidas. *É, acho que sim.*

"Então, enfim, o que ela—"

"Oh, olha ali! São, uh… ma-maçãs carameladas!"

Falando em *óbvio*, minhas mudanças de assunto não estavam enganando ninguém, mas isso não me parou. Eu forcei meu caminho até a barraca de maçãs carameladas. Para ser honesta, eu nunca tinha comido uma dessas, embora já tivesse ouvido falar. Então o rapaz me perguntou que sabor eu queria, mas eu não sabia que *tinham* sabores, então só pedi pra ele me dar qualquer um.

"Nossa, está tão vermelha quanto seu rosto!" Shimamura comentou ao meu lado, e eu podia sentir minhas bochechas provando que ela estava exatamente certa. Então ela pegou a maçã das minhas mãos, e depois de uma pausa… "Então, o que dizia seu horóscopo?"

"Olha! Panquecas *okonomiyaki*!"

Você provavelmente consegue adivinhar o que aconteceu em seguida. Logo depois que completei minha compra, Shimamura sorriu. "Vamos falar sobre astrologia!"

"Uh… um balão de água, por favor!"

Boing, boing.

"Vamos lá, Adachi-chan, eu quero saber sobre seu horóscopo!"

"Rrrgh!" Eu olhei para ela com reprovação. Até *eu* era esperta o suficiente para juntar dois e dois a essa altura. "Você está brincando comigo?"

"É muito divertido!" ela respondeu, sorrindo radiantemente… e como ela parecia tão feliz com isso, eu quase a perdoei. Enquanto isso, ela jogava o balão de água com uma mão. *Que bom que você gostou, eu acho.*

Infelizmente, agora tínhamos comprado muito mais comida do que éramos capazes de comer enquanto caminhávamos.

"Será que tem algum lugar pra sentar por aí?" ela refletiu, esticando o pescoço enquanto segurava o recipiente de *takoyaki*. A essa altura, não podíamos mais segurar as mãos, o que significava que eu agora tinha um interesse pessoal em comer essa comida o mais rápido possível.

"Tem um parque ali naquela direção," sugeri. Naturalmente, eu já tinha explorado o lugar antes — o que era minha maneira de dizer que fiquei impaciente e vaguei por aqui por um tempo ontem.

"Mostre o caminho!" ela declarou. E lá fomos nós.

Era tão pateticamente infantil que até uma *criança* riria de mim se eu contasse, mas… eu realmente gostava quando a Shimamura dependia de mim pra essas coisas. Por alguns segundos preciosos, isso me enchia de um orgulho que eu nunca sentia de outra forma. E assim, com a cabeça erguida um pouquinho mais alto que o usual, eu a guiei até o parque.

Conforme nos afastávamos da ponte, as plantas e as árvores ficavam mais densas, bloqueando a luz das lanternas. Pensei que talvez isso pudesse bloquear

um pouco do calor e do barulho da multidão, mas não. Tinha um monte de gente no parque também.

Por sorte, um casal hétero tinha acabado de desocupar um dos bancos; passamos por eles enquanto saíam, então nos sentamos no lugar deles. Pelo visto, estava quase na hora do show de fogos de artifício, porque as pessoas começavam a se dirigir para a beira do parque que dava para o rio. Eu não conseguia ver muito sem a luz das lanternas, mas podia distinguir vagamente *várias* silhuetas — talvez até mais do que o número de cigarras agarradas às árvores.

Aliás, havia várias outras meninas andando em duplas como nós. Por algum motivo, isso me trouxe alívio.

"O que a gente vai comer primeiro?" Shimamura perguntou, olhando alternadamente para a maçã caramelada e o *takoyaki*.

"Bem, uh… que tal o *takoyaki*?" sugeri, optando pelo que eu já tinha comido antes. Peguei o recipiente dela e, em seguida, peguei um dos bolinhos de polvo com o palito.

Estava quente demais para comer inteiro, então assoprei e dei uma mordida pela metade. Não tivemos chance de pedir um sabor específico, mas, pelo que eu podia perceber, tinha gosto de molho de soja. Enquanto mastigava, porém, logo senti que algo estava errado.

"Que que é isso?" Examinei a metade que eu ainda não tinha comido.

"O que foi?"

"Não tem polvo nisso…"

Eu conseguia ver pelo menos cebolinha verde, mas esses "bolinhos de polvo" tinham aproximadamente zero polvo dentro.

"Você tá brincando? Mas ela disse que tinha de sobra!" Shimamura olhou para o bolinho, perplexa. Então, depois de um momento, ela riu de forma irônica. "Ah, *agora* entendi."

"O quê?"

"Ela usou todo o polvo ‘extra’ naqueles *taiyaki* idiotas, então provavelmente não sobrou nada pra colocar de volta no *takoyaki*."

"Ha ha ha…" Eu ri sem graça. Mas se isso era uma piada, não tinha graça nenhuma.

Comi mais alguns bolinhos; tirando a falta de polvo, eles eram sem graça, mas comestíveis. Depois que comi metade do recipiente, Shimamura trocou comigo a maçã caramelada, da qual ela já tinha dado algumas mordidas. Dava pra ver que estava coberta com um tipo de xarope vermelho brilhante — tão brilhante que, francamente, era demais.

"Nossa. Então maçãs carameladas realmente *são* maçãs," murmurei baixinho.

"Meu Deus, você não sabia?"

Examinei o lugar onde Shimamura tinha mordiscado. Não que isso, sabe, realmente *importasse* a essa altura. Já tínhamos compartilhado vários copos de bebida no passado. *É, não é nada de mais*, disse a mim mesma enquanto pressionava os lábios cuidadosamente na maçã… envolvida em uma agonia agridoce o tempo todo.

Quanto ao *okonomiyaki*, compartilhamos também — embora eu tenha comido um pouco mais do que ela. Quando estávamos cheias, a multidão tinha crescido ainda mais, como uma fruta prestes a amadurecer. Logo, os fogos de artifício começariam.

"Você tá se divertindo, Adachi?" Shimamura perguntou enquanto brincava com o balão de água. *Que pergunta boba*. Sempre que éramos só nós duas, meu ânimo subia mais alto que qualquer balão velho.

"Sim."

"Então é tudo o que importa."

Ela abriu um sorriso de orelha a orelha, e sua inocência juvenil mexeu com algo no meu peito. "E você, Shimamura?" perguntei em retorno.

"Sim, tô me divertindo," ela respondeu prontamente, como se esperasse que eu perguntasse. "Viu?"

Ela jogou o balão de água cada vez mais alto, e comecei a me perguntar se tudo o que importava pra ela era o novo brinquedo. Parte de mim ficou aliviada por ela estar se divertindo, mas a ansiedade persistente ainda estava lá, mal contida sob a superfície. Por um momento, hesitei se deveria perguntar diretamente… mas, apesar do meu medo, eu simplesmente não consegui me segurar.

"Mais divertido que… da-da última vez?" perguntei, depositando todas as minhas esperanças no balão de água enquanto ele subia e descia. Eu queria que o tempo que ela passava comigo fosse melhor do que qualquer tempo que ela passava com outras meninas.

Ela sorriu suavemente. "Talvez sim." Então ela passou a mão na minha cabeça de forma reconfortante. Mas parecia que ela estava só me acalmando, então isso, no fim das contas, não fez nada pra aliviar meus medos.

Ainda assim, eu estava cansada de chorar e fazer birra por causa disso. Precisava de um tempo pra esfriar a cabeça, então me levantei do banco e me afastei. "Vou jogar o lixo fora."

"Aww, que atenciosa! Obrigada."

Deixando a Shimamura no banco, corri até a lixeira mais próxima. Bastante lixo estava espalhado pelo chão, provavelmente de gente preguiçosa. A princípio, pensei em ignorar, mas aquilo ficou me incomodando, então cedi e comecei a recolher tudo. Não que eu acreditasse em Deus ou algo assim, mas algo me dizia que meus sonhos não se realizariam a menos que eu os merecesse. Eu não era nenhuma boa samaritana; estava fazendo isso só pelo meu próprio benefício.

Quando terminei meu trabalho voluntário, meu rosto fumegante tinha esfriado um pouco, então me virei de volta para nosso banco. À distância, eu podia ver a Shimamura quicando seu balão de água feliz da vida. E enquanto a admirava de longe, de repente me lembrei: ela não usou um yukata no outro festival.

Será que eu tô super convencida, ou... ela tá usando isso só por minha causa?

Ela me viu e inclinou a cabeça. "Por que você tá aí parada?"

Senti minha respiração prender na garganta, então a engoli de volta. "Eu só tava... reparando como você tá bonita."

"Ah... Obrigada."

Milagrosamente, eu consegui bancar a descolada dessa vez. *Vai, eu!* Sentia minhas veias pulsando no pescoço.

Então ela bateu as mãos e sorriu, igual da última vez. "Você tá bonita também!"

"O-obrigada...!"

Mas nós já tivemos essa conversa antes, então dessa vez não teve tanto impacto. Será que era exigir demais da minha parte esperar algo novo?

"Ooh, fogos de artifício!"

Ela pulou de pé e apontou para o céu, onde pequenas faíscas vermelhas se espalhavam em todas as direções, desenhando uma flor desabrochando na

noite. Até então, eu só tinha ouvido os estalos e crepitações ao longe, então o *BOOM* pesado me pegou de surpresa, ressoando fundo no meu peito.

"Nossa…!" Shimamura murmurou, maravilhada.

Um instante depois, a multidão gritou, e mais fogos subiram.

"Vermelho cardeal! Carmesim escuro! E, finalmente, siena queimado!" ela exclamou, cheia de alegria. Eu não entendia muito bem, mas, pelo visto, ela estava adorando todas as diferentes tonalidades de vermelho.

A multidão continuava se aproximando cada vez mais do rio, como se fosse atraída pelos fogos. Mas eu não estava olhando para o céu de forma alguma — estava mais fascinada pela Shimamura. O brilho multicolorido dava a ela uma beleza mágica e etérea que penetrava minha pele, meus órgãos, meus dutos lacrimais, me despertando até que todas as minhas emoções mais puras começassem a transbordar sem controle… e meu único pensamento era que eu queria contar a ela. Algo dentro de mim gritava, implorando para ser ouvido.

Impulsionada pelas luzes brilhantes, meus ombros se ergueram, e meus sentimentos explodiram junto com os fogos.

"EU TE AMO!"

***

Parecia uma confissão romântica. Os sentimentos da Adachi floresceram com os fogos de artifício, lançando uma chuva de faíscas sobre mim.

Eu me virei e olhei para ela. Sob o arco-íris de luzes coloridas, eu podia vê-la parada, completamente imóvel, com a boca aberta… Será que ela estava esperando uma resposta?

Ugh, que situação constrangedora. Muito, muito constrangedora.

"Bom… muito obrigada!"

Foi uma resposta bem patética, mas eu não tinha certeza do que mais deveria dizer. Ainda assim, pareceu ecoar nela, porque sua expressão mudou rapidamente, como os fogos lá em cima. Pelo visto, eu a trouxe de volta à realidade.

"Cara, você precisava ver sua cara agora."

Onde mais eu teria a chance de ver a Adachi Verde ou a Adachi Laranja? De bom humor, dei um passo mais perto pra olhar melhor… mas ela deu um passo

pra trás. Depois um segundo. E um terceiro. O rosto dela meio que tremelicou — sabe, tremeu e vacilou — e então ela disparou.

"Ei, pra onde você—?!" *Tá indo...*

Parecia que as coisas continuavam como sempre. Primeiro aquela vez na minha casa, e depois algumas outras vezes desde então. Eu queria dizer a ela que não era seguro correr no meio de uma multidão, mas ela já estava muito longe para me ouvir.

Ela correu a toda velocidade na direção oposta ao festival, como se estivesse tentando desaparecer na noite escura. *Para! Para!* Mas o fluxo do tempo não me ouviu, e Adachi também não. Tudo o que eu podia fazer era correr atrás dela eu mesma. Enquanto isso, as explosões retumbantes foram ficando distantes.

Quando chegamos de volta ao lado de fora do hotel onde nos encontramos, ela finalmente desacelerou até parar. Então ela afundou no chão com tanta força que quase pensei que tinha caído. Quando a alcancei, minhas sandálias tinham esfregado a pele entre meus dedos até ficar em carne viva, mas eu ignorei isso. Em vez disso, corri para ficar na frente dela, e ela levantou os olhos pra mim com aquele rosto de maçã caramelada. Essa era a Adachi Vermelha que eu estava acostumada a ver.

"Vamos lá. Seu yukata vai ficar sujo," eu disse enquanto oferecia minha mão.

Timidamente, ela estendeu a mão; eu a segurei e a puxei para cima. Quando ela ficou de pé novamente, no entanto, já estava voltando para a Adachi Azul. Sua expressão balançava como um navio em mares agitados.

"Vamos nos acalmar, tá bem?"

Coloquei uma mão no ombro dela e a levei para o canto do prédio. Não tinha mais ninguém por perto, já que todos estavam ocupados observando os fogos. Mas fogos de artifício eram a menor das minhas preocupações agora.

"Tá se sentindo melhor?" perguntei, embora soubesse que provavelmente era esperar demais dela naquele momento.

“Hhhh…”

O queixo dela tremia. Não era bem uma resposta, mas pelo menos ela estava composta o suficiente para reagir a mim de alguma forma. A explosão dela tinha abafado todos os fogos de artifício, e agora ela parecia prestes a explodir de novo.

Primeiro, comecei com um aviso: "É realmente perigoso sair correndo assim. Tem gente demais aqui… e carros e essas coisas, sabe?"

Durante todo o tempo que a persegui, eu estava apavorada com a possibilidade de ela se machucar.

Ela se encolheu como se eu tivesse dado um tapa na cabeça dela. "Desculpa," ela se desculpou. Agora eu me sentia menos como irmã dela e mais como mãe.

"Ótimo. Agora, uh… parece que você… quer falar sobre alguma coisa… né?" Por algum motivo, eu não conseguia ser direta.

Os lábios dela tremiam como se estivesse segurando um espirro. "Eu… eu t…"

"Eutrofia?"

Ela balançou a cabeça vigorosamente. *Ugh, por que eu pensei que era "eutrofia"? Sou tão idiota.* Sentia meu coração começando a acelerar, mas era excitação ou medo? De qualquer forma, isso era território desconhecido pra mim.

"Eu t…"

Ela estava tentando dizer algo, mas continuava tropeçando nas próprias palavras. Lágrimas brotaram nos olhos dela — talvez ela tenha mordido a língua. Mas antes que eu pudesse perguntar se ela estava bem—

"Eu… eu te amo! *Eu te amo*!" ela gritou para mim, e sob a luz dos fogos de artifício, eu podia ver o sangue da língua mordida saindo dos lábios dela em uma fina névoa.

Nunca imaginei que receberia uma confissão tão crua e metálica. Foi uma experiência bem vívida, e não só visualmente. Junte isso ao brilho caloroso do festival de verão, e eu estava começando a me sentir tonta. Era simplesmente surreal demais.

"Certo. Entendi," eu assenti.

O rosto dela mudou para uma expressão silenciosa e suplicante de *Só isso*?

"Olha, me dá um minuto pra pensar."

Foi muito repentino; minhas emoções ainda não tinham acompanhado. Cruzei os braços em uma contemplação cuidadosa. Mas com a Adachi visivelmente tremendo bem na minha frente, eu não conseguia exatamente me concentrar. Ela estava tão tensa que parecia um carro em ponto morto… e ainda assim, por algum motivo, sempre que ela estava em um estado emocional elevado, isso me ajudava a manter a calma.

"Tá bom, então você me ama. O que você quer que eu faça sobre isso?"

Com isso, ela recuou com força. Então ela encarou o chão e expressou seus pedidos em voz baixa. "Passar tempo comigo?"

"Eu tô bem aqui."

"Pensar em mim?"

"Eu *penso* em você."

Ela ergueu a cabeça rapidamente para me olhar, quase como se estivesse sacudindo a franja para tirar dos olhos. Seus olhos úmidos brilhavam como o sol do meio-dia. "E só se importar comigo."

"…Uhhhh…"

Estávamos indo tão bem no começo também. Mas agora ela queria que eu *só* me importasse com ela? Quando juntei tudo, o que eu concluí foi…

"Então… você quer ser minha namorada?"

Os ombros dela tremiam, e eu podia ver suor se formando no couro cabeludo dela — mas, pra ser justa, as coisas *estavam* ficando bem intensas. Então ela congelou, sem piscar, como se estivesse lutando para processar tudo. Então esperei ela tomar a decisão, e finalmente ela assentiu em silêncio.

Deixando de lado toda a perseguição desnecessária e os gritos salpicados de sangue, era um pedido curto e simples: *Por favor, namore comigo*. Mas o que significaria formar esse tipo de relacionamento com a Adachi? Éramos ambas meninas, e meninas normalmente não namoravam umas às outras. Então, se uma pessoa normal nos visse juntas, acharia estranho. Claro, Adachi não era do tipo que se importava com o que os outros pensavam… mas e eu?

Se todo mundo ao nosso redor nos lançasse olhares de desaprovação, eu teria coragem de continuar segurando a mão dela? Se eu realmente a amasse, eu aguentaria isso, né?

Relacionamentos românticos normalmente eram pares de menino e menina. Mas eu não estava planejando ter bebês nessa idade, então meu parceiro realmente *precisava* ser homem? Certamente o amor era mais do que isso. Conexões humanas não eram listas de verificação simples.

Olhando para trás, eu finalmente podia admitir: eu amava o Gon. Mas não decidi sentir isso porque eu ganharia algo com isso — eu simplesmente o *amava*. O pelo dele, a personalidade, cada pequeno detalhe. O amor era algo que vinha sem aviso, sem tempo para planejar ou negociar no meio do caminho. Provavelmente era assim que funcionava para a Adachi também. E eu queria respeitar isso.

Se eu concordasse em namorar ela, provavelmente seguraríamos as mãos e sairíamos juntas… *Peraí, mas isso é diferente do que já fazemos?*

"…Não…"

Quando percebi o quão pouco mudaria funcionalmente entre nós, foi um alívio tão grande. Parecia que eu conseguia realmente enxergar o quadro maior.

"Acho que seria bem esquisito, né?" Adachi murmurou, tentando avaliar minha reação. Ela me olhou como um cachorrinho repreendido, a trança balançando. No geral, era muito fofo.

"Sim."

"…Então você não tá confortável com isso, ou…?"

Eu não sabia bem como responder. O que exatamente era o "isso" nessa equação? A visão da sociedade sobre nós, ou…?

"Não."

O rosto dela caiu tão rápido que ela pareceu quase desligar. Depois da Adachi Laranja veio a Adachi Azul. Muito bonita, claro, mas não era como eu queria que isso terminasse.

"Eu tô dizendo que eu vou ficar *bem*," esclareci, percebendo que ela tinha interpretado mal minha resposta.

Estava cansada de pensar demais nisso, então, em vez disso, eu a toquei. Olhei para ela.

Meu coração se abriu para ela. Não havia parte dela em que eu não encontrasse conforto.

Enquanto a tristeza dela se dissipava, eu olhei para o céu noturno. A escuridão tinha se infiltrado em todos os cantos e recantos do mundo, e nenhum fogo de artifício nos ajudaria a iluminar o outro lado. O que nos esperava lá? Só o tempo diria. Amanhã, eu teria que pensar em todo tipo de coisa complicada que entorpece a mente, mas por essa noite…

"Claro, por que não?"

BOOM! Um fogo de artifício explodiu sobre nós, abafando minha resposta.

E assim, decidi experimentar um relacionamento com a Adachi.